

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

58) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 9, 1838



A TRIPULACÃO DA MEDUSA NA JANGADA.

NAUFRAGIO DA MEDUSA.

DEVENDO a França, na conformidade dos tractados de 1815, recobrar as suas possessões do Senegal na costa d'Africa, saíu da ilha d'Aix a 17 de Junho de 1816 uma expedição commandada por Mr. de Chaumareys, capitão de fragata, e composta da *Medusa*, fragata de 44, da corvêta *Echo*, da charrua *La Loire* e do brigue *Argus*. Logo aos primeiros dias as embarcações se entraram a separar, e a *Medusa*, que era a mais veleira, levava a dianteira a todas, de forma que o commandante assentou de seguir viagem só, fixando o lugar da reunião na ilha de S. Luiz. A principio a viagem foi feliz, e excepto a perda d'um homem, que caíu ao mar, não houve outro accidente funesto. A 27 de Junho largaram de Tenerife, e no 1.º de Julho estavam proximos á costa d'Africa. As instrucções que levava o commandante da expedição lhe mandavam conservar-se vinte e duas leguas ao largo, logo que tivesse reconhecido o Cabo-Branco, e aproximar-se depois á terra com as maiores precauções, afim d'evitar o banco de Arguim, arrecife immenso e perigoso daquella costa. O capitão Chaumareys, homem ignorante e presumpçoso, desprou todas as cautelas, e deu á fragata uma direcção funesta, por mais representações que lhe fizeram os passageiros e officiaes. A gente da corveta *Echo*, que já se tinha reunido á *Medusa*, assombrada das manobras que lhe via practicar, lhe fallou umas poucas de vezes, e só depois de ter feito numerosos signaes se decidiu a virar de bordo.

No outro dia a côr das aguas mudou, pegavam nos anzoos muitos peixes, e tudo annunciava a visinhança da terra, e presagiava por conseguinte o perigo dos baixios. O guarda marinha Maudet bradou que estavam sobre o banco d'Arguim; mas foi escarneida a sua asserção, e dentro em poucas horas o navio tocou! Eram dois de Julho. A fragata levava mais de 400 homens; todos estimulados pelo perigo se deitaram á manobra; mas tantos esforços foram baldados, por que tinha a fragata tocado em maré cheia, e dahi a tres dias já fazia seis pés d'agua; foi forçoso renunciar á esperanza de a pôr a nado. A bordo só haviam cinco embarcações de diversos tamanhos, que apenas podiam receber metade da tripulação: determinaram por tanto fazer uma vasta jangada, e reboca-la para terra com todas as embarcações. Meteram mãos á obra, e brevemente uma machina immensa construida de mastros, de vergas, de pranchas e de cordâmes, de 75 pés de comprimento, e de 26 de largo, fluctuou juncto do navio encalhado. Tomaram á pressa alguns viveres, e 152 infelizes confiaram em tão fragil apoio; as embarcações pozeram-se ao largo, e o commandante que só recebeu no bote 28 pessoas, deu o signal da partida: eram sete horas da manhã. Ou o commandante achasse que andavam mui de vagar, ou desesperasse de salvar a jangada, ou fosse inspirado pela vileza de que o accusou a indignação da Europa inteira; o certo é que apenas a jangada estava a duas leguas do casco da fragata abandonada, as cordas do reboque se cortaram; as embarcações fugiram á força de vellas, e os 152 desventurados ficaram sem auxilio entregues á mercê do mar e das tormentas.

Eram estes porém os menores de seus perigos! A jangada com o excessivo peso enterrava-se mais de tres pés pela agua, para a alliviar foi necessario deitar ao mar as barricas de comestiveis, de sorte que para se esquivarem a um damno incorriam n'outro, exporem-se a morrer á mingua. Os naufragos tinham tão pouco campo que se viam precisados a estar de pé encostados uns aos outros; e cada vagalhão de mar um pouco forte arrebatava sempre alguns delles. A

noite foi terrivel: o mar estava crespo, e o ceu borrascoso. Veio o dia, contaram-se as perdas, e achou-se que dez a doze companheiros tinham perecido, estando ainda com os pés entalados nas fendas da jangada. Comtudo, apesar deste espectáculo, ainda as esperanças não eram de todo perdidas; não podiam capacitar-se os desgraçados do barbaro abandono em que os deixaram; mas tornou a noite, e nem d'uma só embarcação houveram vista, e com a noite renovou-se a tempestade. As ondas erguiam a jangada com tanta violencia que a punham ás vezes em posição quasi perpendicular, e de cada vez o mar recolhia mais algumas victimas. Nesta fatal extremidade todos se julgaram perdidos: os soldados e marujos, persuadidos de que a sua ultima hora estava proxima, lembraram-se de beber para se atordoarem; e na força da embriaguez resolveram cortar as cordas que sustinham unidas as peças da jangada. Passageiros e officiaes se opposeram á tentativa; e em breves momentos vieram ás mãos, e encarniçou-se uma horrivel peleja sobre as pranchas que os separavam da morte. Por entre o arruido das vagas, e os estalos da jangada ouviam-se os gritos da raiva dos soldados, os gemidos dos feridos, e o estertôr dos moribundos.

Ao despontar o dia conheceu-se que faltavam 65 homens; e o restante quasi todos feridos ou contusos, tremendo com febre, exhaustos de fadiga, mais pareciam espectros do que homens. Já não havia senão um tonel de vinho; todos os mais tinham sido arrombados. Iam em breve experimentar as angustias da sede, e a fome os atormentava havia tres dias. Apareceram tubarões á roda da jangada, chegando-se tão de perto que podiam persegui-los ás cutiladas, viu-se nesta occasião luctarem homens contra monstros marinhos disputando a quem seria devorado. Porém esta mesma prêsca escapou, e a fome assaltava ainda mais pungente e viva.

No ardor da febre, que os accommetteu, os miseraveis se arremeçaram aos cadaveres dos companheiros, e fazendo-os pedaços, os tragavam crús! Como para suspender este banquete sacrilego, deparou-lhes a sorte um bando de peixes avoadores, de que puderam apanhar uns duzentos; com polvora e um fusil accenderam lume sobre um dos toneis desmanchados, e passaram pelas chammas aquelles peixes, que em tal apuro foram uma deliciosa iguaria; alguns mais determinados assaram tambem carne humana, que lhes repugnava menos assim preparada. Porém o recurso da pesca milagrosa em breve se esgotou; e só restando-lhes os cadaveres se resignaram a tão horrivel alimento já semi-corrupto.

As desavenças, a fome, a febre e as ondas cercearam o numero dos naufragos. Na manhã do quinto dia, de 152 só restavam 30; e no dia seguinte só eram 27! E destes, doze moribundos, e os quinze doentes. Os doentes conspiraram contra os moribundos: ajuzaram que accelerar-lhes a morte seria poupa-los ao soffrimento; e calcularam ao mesmo tempo que sacrificá-los seria economisar as rações de vinho, que lhes restavam; conseguintemente resolveram deita-los ao mar. Tres marujos e um soldado se incumbiram da execução da horrivel sentença!

No dia que seguiu este tão espantoso veio um claro d'esperança reanimar a coragem daquelles miseraveis. Uma borboletinha branca adejou por cima da jangada, e depois certas aves appareceram: não estava por tanto mui longe a terra, e comtudo ainda nada se descobria no horisonte. Oito dos mais robustos, ou [mais exacto] dos menos fracos, intentaram arranjar com fragmentos da jangada uma especie de embarcação, e aventurarem-se a ir nella esperanzados que as ondas os impelliriam para a costa, mas

apenas a deitaram ao mar virou-se logo. Não houve remedio senão resignarem-se com seu ruim fado.

Finalmente a 17 pela manhã no momento em que, depois de haverem feito uma fervorosa oração, iam repartir a extrema razão de vinho, descobriram uma vella no horisonte: recobriram logo parte das amortecidas forças para fazerem signaes. Palpitava-lhes o coração com a esperança e a incerteza a um tempo; mas o navio mudou de rumo, e desapareceu. Aos extases da alegria succederam os gemidos da desesperação. Estava a morte proxima, e era horrivel. Atenuados de fadigas, e desanimados, estenderam-se sobre a jangada cobrindo-se com uma vella, como mortalha. Ainda não eram passadas duas horas quando o mais impaciente se ergueu, e o mesmo foi erguer-se que levantar um grito forte; diffundi-se-lhe no rosto uma especie d'alegria frenetica, agitava os braços para o mar, e só podia bradar estas palavras: somos salvos, somos salvos. Ergueram-se a toda a pressa os que ainda o podiam fazer, e logo descobriram um navio de bandeira franceza governando a todo o panno para a jangada. Á vista do inesperado resgate os 15 naufragantes, arrancados subitamente do abismo da desesperação, abraçavam-se, choravam, fallavam sem sentido, e estendiam os braços para o navio salvador. Era o brigue *Argus* mandado do Senegal em demanda delles. Recebidos a bordo em breve aportaram ao forte *S. Luiz*: mas dos 15 sómente 10 sobreviveram a tantas miserias e angustias.

Das cinco pequenas embarcações, que os abandonaram nenhuma se perdeu, e chegando á costa a salvamento, quasi todas as 233 pessoas, que nellas poderiam ir, vieram dar a *S. Luiz*, ou atravessando o deserto, ou seguindo a beira-mar.

A ignorancia, a deploravel pertinacia, e a vileza do commandante Chaumareys foram as unicas causas de tão lastimoso successo; e se o conselho de guerra o exauctorou, e o condemnou em 3 annos de prisão, não foi sobeja pena, porque foram exactamente cinco dias por cada vida, que sacrificou.

ALBIGENSES.

II

No ANTECEDENTE artigo [*] fallámos da origem desta seita, e do começo das perseguições contra ella, até o anno de 1207, em que o papa Innocencio 3.^o, tendo imposto aos principes deste paiz o encargo de exterminar os herejes, e julgando que se mostravam tibios na execução do mandado, se lembrou de prégar uma cruzada contra este infeliz povo, chamando, para levar a cabo esta empresa, o auxilio estrangeiro. No mez de Novembro daquelle anno, escreveu a Philippe Augusto, rei de França, e a todos os “condes, barões e cavalleiros, e a todos os fieis daquelle reino” exhortando-os a guerrear os albigenses, e promettendo-lhes em recompensa, nesta vida, os bens confiscados aos herejes, e para a outra, as mesmas indulgencias que eram concedidas áquelles, que guerream os infieis da terra-sancta. Antes, porém, deste breve ter effeito, occorreu um acontecimento, que dobrou o furor do papa, e dos fanaticos, e accendeu a guerra *sagrada*, como impiamente lhe chamavam.

Pedro de Castelnaud, legado do papa, julgando que o conde Raimundo não procedia com o zelo necessario na obra de destruição, dirigiu-se a elle com o outro legado seu companheiro, reprehendeu o conde da sua baixesa, como elle lhe chamava, tractou-o como um perjuro, fautor dos herejes, e tyranno, e tornou-o a excommungar.

O principe, assim vilipendiado, ameaçou Castelnaud de lhe fazer pagar com a vida tamanha insolencia. Os dois legados, menoscabando esta ameaça, saíram da côrte de Raimundo, sem se reconciliarem com elle, e foram dormir essa noite n'uma pequena estalagem nas margens do Rhodano, com tenção de passarem o rio no outro dia. Aconteceu que um dos cortesãos do conde os encontrou aqui, se, porventura, não tinha ido apoz delles. No outro dia pela manhã, o cavalleiro, depois da missa, travou uma disputa com Pedro de Castelnaud, ácerca da heresia e do seu castigo. O legado que nunca fôra parco em insultos e epithetos affrontosos contra os advogados da tolerancia, não os poupou nesta conjunctura, o cavalleiro, já irritado pela insolencia de Castelnaud para com seu amo, vendo-se offendido pessoalmente, arrancou de um punhal, feriu o legado, e matou-o. A nova deste assassinio excitou extraordinaria colera em Innocencio 3.^o. Raimundo não tivera de modo nenhum influencia directa na morte de Castelnaud, como a teve Henrique 2.^o de Inglaterra na de Thomaz a Becket [S. Thomaz de Cantuaria]: mas Innocencio 3.^o se mostrou mais ativo e implacavel do que o fôra Alexandre 3.^o. Publicou immediatamente uma bulla, dirigida a todos os condes, barões, e cavalleiros das quatro provincias francezas do sul, na qual declarava que fôra o diabo quem instigára o seu primeiro ministro, Raimundo sexto, conde de Tolosa, contra o legado da sancta sé: punha interdicto em todos os logares que servissem de refugio aos assassinos de Castelnaud: pedia que Raimundo fosse publicamente anathematisado em todas as egrejas; “e como [dizia elle], segundo as decisões canonicas dos sanctos padres, não devemos guardar fé áquelles que não a guardam a Deus, ou que estão apartados da communhão dos fieis, desligamos por auctoridade apostolica, todos os que se julgam ligados ao conde, por algum juramento de preito ou alliança, e permittimos a qualquer catholico, salvos os direitos do seu principal senhor, a tomar e reter os territorios do dicto conde, especialmente sendo com o intento de exterminar a heresia.” — Esta bulla foi brevemente seguida de cartas, egualmente fulminantes, ao rei de França, aos bispos, aos barões &c, incitando-os a começarem a cruzada.

“Exhorto-vos [dizia o papa] a que trabalheis por destruir a damnada heresia dos albigenses, e que o façaes com mais rigor do que costumaes usar com os sarracenos; persegui-os com mãos de ferro; privae-os das suas terras e bens; bani-os, e ponde em logar delles os catholicos romanos.”

Os frades de Cister [bernardos] a cuja frente se poz o seu abbade-geral Arnoldo Amabrico, tendo recebido poderes de Roma, para prégar a cruzada aos povos, metteram mãos á obra com tal ancía, que levaram a palma ao celebre eremita Pedro, e ao seu successor, Folco de Neuilly. Innocencio 3.^o, arrastado pelo odio, tinha concedido a todos os que tomassem a divisa da cruz contra os provençaes, mais e mais plenarias indulgencias do que os seus predecesores tinham jámais concedido áquelles que trabalhavam na redempção da palestina e do sancto-sepulchro.

Tanto que os novos cruzados tomaram o signal da cruz [que usavam no peito em vez de ser no hombro, para se distinguirem dos do oriente] foram immediatamente postos debaixo da protecção da sancta sé, livres de pagarem o juro das suas dividas, e isemptos da jurisdicção de todos os tribunaes, devendo ao mesmo tempo servir-lhes de expiação de todos os crimes e vicios da sua vida inteira, a guerra a que eram chamados, e que faziam quasi sem sair de casa, e sem a minima despesa,

(*) Veja-se o N.^o 55 do Panorama.

Nunca, portanto, se alistaram cruzados com tão boa-vontade. Os primeiros que tomaram o signal da cruz foram Eudes 3.^o, duque de Borgonha, Simão de Monforte, conde de Leicester, os condes de Nevers, de São-Paulo, de Auxerre, de Genebra, e de Forez. Em quanto o abade de Cister e todos os frades bernardos, se distinguiam a prégar a guerra de exterminio, promettendo áquelles, que houvessem de morrer nella, plenaria absolvição de todos os peccados, que tivessem commettido desde o dia do seu nascimento até a hora da morte, Innocencio encarregou os membros de uma nova congregação, á frente da qual poz o hespanhol S. Domingos de irem a pé, dois a dois, por todas as aldéas, prégando a fé catholica, illustrando-as sobre as questões de controversia, e amostrando-lhes todo o zelo da caridade christã, com o fim de alcançarem dos povos exactas informações do numero e residencias daquelles, que se haviam apartado da egreja “afim de os queimar quando se offerecesse occasião disso.” — Foi assim que começou a ordem dos dominicos.

Ainda em 1203 os cruzados não estavam promptos para marchar; mas os seus immensos preparativos retumbavam por toda a Europa, e enchiam o Languedoc de terror. As provincias destinadas principalmente a serem victimas da vingança do papa, eram os estados do conde de Tolosa, e os de seu sobrinho, Raimundo Rogerio, visconde de Alby, Beziers, Carcassonna, e Lamoux. O primeiro era brando, fraco, e timido, desejoso, na verdade, de salvar os seus subditos das confiscções e castigos, mas ainda mais desejoso de se salvar a si proprio da perseguição: O segundo, pelo contrario, na força da mocidade, era generoso, altivo, e impetuoso, e os seus estados tinham sido governados, durante a sua menoridade por tutores inclinados ás novas doutrinas. O conde de Tolosa se appressou a submeter-se ao papa do modo mais vil e baixo; recebendo em consequencia disso a absolvição, e a promessa de inteira protecção de Roma. Mas Innocencio estava bem longe de ter perdoado cardealmente a Raimundo; porque ao mesmo tempo escrevia ao abade de Cister por estas phrases: — “Aconselho-vos com S. Paulo, que useis de fraude para com o tal conde, porque em semelhantes casos, o engano não é engano, mas prudencia. Cumpre-nos attacar separadamente aquelles que se separarem da unidade da egreja: deixae em paz por algum tempo o conde de Tolosa, dissimulando com elle, para que mais facilmente sejam desbaratados os outros herejes, e depois o possamos esmagar quando o colhermos sosinho.” — Tal era o pensar daquelles tempos, em que só se lia a Biblia para fazer della sacrilegas applicações.

O numero dos cruzados, segundo os mais diminutos calculos, orçava por 50:000, afora as ignorantes e fanaticas turbas que andavam atraz de cada prégador, armadas com fouces e cacheiras, e que se animavam, dizendo, que, “se não podiam combater com os cavalleiros do Languedoc, poderiam ao menos matar as mulheres e filhos dos herejes.” — Quando o conde Raimundo soube, que, não obstante a sua reconciliação com o papa, estes fanaticos se encaminhavam para os seus estados, representou ao pontifice que o legado Arnoldo, que os capitaneava, era seu pessoal inimigo, e que seria injusto pô-lo á mercê de um homem; que só attenderia á voz do entranhavel odio que lhe tinha. Para tirar, aparentemente, ao conde de Tolosa este motivo de queixume, Innocencio 3.^o nomeou um novo legado, seu notario ou secretario; mas, bem longe de procurar, por este meio, reprimir o odio do abade de Cister, só levava a mira em enganar a Raimundo; porque “o senhor papa ex-

pressamente disse ao novo legado: seja o abade de Cister quem dirija tudo, e sê tu unicamente seu organo; pois, de facto, o conde de Tolosa tem suspeitas delle, e nenhuma de ti.” — Tal era o artificio de Innocencio 3.^o segundo estas palavras, que copiamos de um escriptor contemporaneo, que dedicou a sua historia dos albigenses ao proprio papa.

Raymundo Rogerio, visconde de Beziers, depois de ter tambem tentado pôr-se bem com o papa, e depois de lhe haver dicto o legado que “nada mais tinha que fazer, senão defender-se o melhor que podesse, porque não estava resolvido a ter piedade delle” preparou-se para vigorosamente resistir, pondo a principal esperanza de salvamento nas suas duas grandes cidades de Beziers e Carcassonna, e repartindo por ambas os seus mais valorosos cavalleiros. Elle proprio se metteu em Carcassonna, depois de ter visitado Beziers, e de se haver certificado de que estava abastecida com os necessarios petrechos. No mez de Julho os cruzados, depois de saquearem e queimarem varios castellos se reuniram diante dos muros de Beziers. Tinha-os precedido Reginaldo de Montpeiroux, bispo de Beziers, que depois de ter visitado o legado, e de lhe haver entregado uma lista das ovelhas do seu rebanho, que suspeitava culpadas de heresia, e que elle desejava se condemnassem ao fogo, voltou á sua sé, e representou aos seus diocesanos os perigos a que estavam expostos, exhortando-os a que entregassem os seus concidadãos aos vingadores da fé, o que era melhor do que chamar sobre si e sobre suas mulheres e filhos a colera do ceu e da egreja. “Dizei ao legado” replicaram os cidadãos, que elle tinha reunido na cathedral, “que a nossa cidade é boa e forte, que o senhor não deixará de socorrer-nos neste grande aperto, e que antes queremos tragar nossos proprios filhos do que cair em semelhante infamia.” — Apesar de tantos feros, não havia coração que não tremesse quando os cruzados acampavam á roda dos muros, tamanha era a multidão de tendas, pavilhões e bandeiras.

Posto que espantados do numero dos inimigos os cidadãos de Beziers não desanimavam; quando os cruzados estavam ainda assentando o campo, saíram e accommetteram-os desprevenidos. Mas os cruzados eram mais terriveis pelo valor e fanatismo, do que os habitantes do sul. Bastou a infantaria para repeller os cidadãos, e ao mesmo tempo todo o exercito sitiador se precipitou atraz delles quando se retiravam, e tão de perto os feriam, que entraram de volta com elles na cidade. Os cavalleiros sabendo que tinham triumphado sem combaterem, perguntaram ao abade de Cister como haviam de distinguir os catholicos dos herejes, ao que elle respondeu com aquellas celebres palavras: “*Matae-os todos: o Senhor distinguirá quaes são os seus.*”

A povoação fixa de Beziers não excedia então a 15:000 pessoas; mas tinha augmentado muitissimo com a gente dos campos e logares abertos, que alli se tinha acolhido.

Tanto que os cruzados se apoderaram da cidade, a maior parte do povo se refugiou na cathedral, e o resto por outras egrejas. Os conegos rodearam o altar, e tocaram os sinos como quem pedia piedade aos furiosos vencedores: mas estas supplicas do bronze não foram melhor attendidas do que as das vozes humanas. Tudo foi mettido á espada, neste e nos outros templos; e só na egreja da Magdalena ficaram sete mil cadaveres. Mortos todos os habitantes e saqueada a cidade, os cruzados lhe lançaram fogo, e tudo ficou reduzido a cinzas. O abade de Cister, como envergonhado de tal horrivel matança, diz n’uma carta ao papa, que apenas tinham morrido 15:000 pes-

soas; mas a opinião commum é que morreram sessenta mil.

O resto da guerra foi uma continuação de eguaes horrores. Monforte tomou o mando do exercito invasor; este homem abominavel fartou-se de sangue e de rapinas até que perdeu a vida no cerco de Tolosa em 1218. Dahi a 4 annos morreu o conde Raimundo. A guerra, porém, continuou com seu filho, Raimundo 7.^o que ganhou grandes vantagens contra os cruzados; mas o proprio Luiz 8.^o, rei de França, se poz em campo contra elle, até o obrigar a submeter-se. Foi então que se estabeleceu a inquisição em Tolosa para condemnar aquelles que tinham escapado ao ferro. Poucos annos depois morreu o conde Raimundo 7.^o e o condado foi unido á corôa. — Então os albigenses foram completamente exterminados: o paiz ficou devastado; a lingua e poesia dos trovadores extinguiu-se, e elles tiveram de fugir para alheias terras, para escaparem aos inquisidores, que a ninguém perdoavam.

DESTERRO NA SIBERIA.

O DESTERRO de um grande numero de polacos de todas as classes para a Siberia, durante estes ultimos annos, depois que a sorte das armas mais apertou as cadeias da desgraçada Polonia, tem feito com que muito se haja fallado das *pedras de Angoche* ou *Bahia de Lourenço Marques* dos russos; desses espantosos desertos do desterro, para onde o despota de S. Petersburgo atira milhares de suppostos criminosos. Como é costume, no que se tem dicto a este respeito ha de mistura com a verdade muitissima cousa fabulosa. Do viajante Kotzebue e de outros eminentes escriptores tiraremos alguns factos para dar uma idéa exacta do que realmente é a Siberia.

Crê-se geralmente que todas as pessoas que são mandadas para a Siberia teem de soffrer padecimentos e escravidão; porém, salvo os males inherentes a uma expatriação forçada, muitos dos desterrados não se acham alli em peor situação do que se estivessem no seu paiz natal.

Esta classe de degradados consiste principalmente em individuos da classe mais elevada, condemnados por delictos politicos, que não se julgaram sufficientemente graves para merecerem a pena de morte, mas que se tiveram em conta de bastantemente grandes, para inquietarem os despotas scythas, ou russos, como lhes queiram chamar. O castigo dado aos desterrados desta classe, por via de regra, não é nem infamante, nem atroz. Dá-se-lhes casa para morarem, e deixando-se gosar em paz dos seus rendimentos aquelles que os teem, o governo dá uma pequena pensão aos que não possuem nenhuns bens. Os degradados desta especie quando são nobres, até não perdem a dignidade que lhes deu o nascimento.

Os terriveis padecimentos e a crueldade que costumamos associar á idéa que fazemos da Siberia, cabem a duas especies de degradados, mui differentes daquelles de que acima fallámos.

A primeira das duas consiste em russos, que tendo sido convencidos dos mais atrozes crimes, foram condemnados a degredo para a Siberia, depois de soffrerem o horribilissimo castigo do *Knout*. São estes conduzidos, carregados de ferros, ás medonhas minas de Nertschinsck, donde é raro que alguém torne a sair. A sorte destes degradados é mais horrivel do que a mesma morte; mas como dissemos, é um erro suppor que todos os desterrados se tractam de semelhante maneira.

A segunda classe dos que, além do degredo, soffrem

pena corporal, é a daquelles que commetteram crimes não tão odiosos como os dos primeiros. Estes são distribuidos como escravos entre os habitantes livres da Siberia. Deixa-se-lhes, comtudo, livre o tempo necessario para ganharem os meios de alcançar algumas commodidades, querendo ser laboriosos; e assim, ainda que o seu castigo seja assaz severo, é leve em comparação do que soffrem os miseraveis que vão sepultar a sua existencia nos tenebrosos abysmos das minas de Nertschinsck.

PROFUNDIDADE DO MAR.

A PROFUNDIDADE do mar suppoem-se que é de 4 ou 5 milhas na sua maior altura, visto haver montanhas desta elevação na superficie enxuta da terra; mas em quanto não tivermos meios de medir um abysmo tão fundo, esta opinião não passará de mera conjectura. As sondas que por ora ha, ainda não alcançaram medir a altura de duas milhas. O Dr. Young é de parecer que a profundidade do oceano atlantico será de tres milhas, e a do oceano pacifico de quatro. Mas os mares da Europa são menos profundos. Lyell nos informa de que a maior altura do Adriatico, entre a Dalmacia e as bocas do Pó é de 22 braças. O mediterraneo varia muito. Entre Gibraltar e Ceuta, o capitão Smith sondou 950 braças. — Nas partes menos largas do Estreito onde a largura é de obra de nove milhas, o fundo varia de 160 a 500 braças. Laplace assenta que a profundidade do mar não é consideravel. A sua altura media, segundo elle, regula pela altura media dos continentes e ilhas acima do seu nivel, o que não passa de 4:400 palmos. Mas, assim como ha montanhas desmesuradas em varias partes do continente, assim deve haver enormes cavidades no fundo do mar. O capitão Parry a 57 graus de latitude norte, e 24 graus de longitude oeste, a quasi 100 leguas de terra, não achou fundo com uma linha de uma milha e 280 jardas. Mr. Scoresby em 76 graus de latitude norte, e 24 de longitude oeste, deitou a sonda até 1:200 braças, ou uma milha e 2560 palmos inglezes, e não achou fundo. Esta é provavelmente a maior profundidade a que se tem chegado com a sonda.

MENDIGOS MOUROS.

OBSERVAM commummente os que teem viajado por paizes mahometanos, que nenhum presente de pura liberalidade se deve fazer a turcos ou a mouros, porque isto se converte em costume, e quando dahi tiram proveito o consideram como lei e dever, tanto na Mourama, como no Levante. Tem semelhante uso posto os consules europeus na necessidade de estarem sempre a fazer presentes ás auctoridades, quando, por algum motivo de interesse, deram o primeiro exemplo os seus antecessores. Se um estrangeiro faz qualquer presente a um turco ou mouro empregado publico, elle o pede sempre em circumstancias identicas, e os seus successores olham para isso de futuro como um dos prós do seu cargo.

O habito das extorsões está tão radicado, que é preciso haver a maior cautella em ser liberal. A seguinte anecdota referida por um viajante, digno de todo o credito, confirma esta verdade.

No anno de 1691, durante o reinado de Hagzi Chaban Dey, um mercador grego, que residia em Alger costumava todos os annos fazer uma viagem a Tunes ou ao Egypto, para vender ahi fazendas. Morrendo um seu compatriota, ficou elle por testamenteiro: entre

outros legados píos deixados pelo defuncto, havia certa somma para esmolas. Passando o mercador um dia por um mouro, que estava assentado no meio da rua sobre um pedaço de esteira, e que era côxo e quasi cego, pediu-lhe este esmola. Resolveu-se o grego a da-la, pelo ver trabalhar em franjas de cordão, não podendo fazer outra coisa. Atirou-lhe com um punhado de *aspers*, o que, pelo descostume, de tal modo encheu de alegria o mendigo, que com as suas muletas foi seguindo o mercador, salmeando muitas orações, para que o ceu derramasse bençãos sobre elle, e não o largou até descobrir a morada do seu bemfeitor, ao pé da qual se foi aposentar, n'um sitio por onde elle diariamente havia de passar. No outro dia o mouro pediu esmola, e o grego de novo a deu, com o que ganhou grande reputação, e uma grande freguesia na loja. Os sacerdotes mahometanos não cessavam de exaltar a virtude com que Deus tinha dotado este caridoso grego, que recebendo os louvores da sua caridade, sem lhe custar nada, continuou na mesma generosidade diaria, até que chegou a occasião de partir para o Egypto. Conservou-se o mendigo no seu posto; mas faltando-lhe o bemfeitor, perguntou por elle, e teve a mortificação de saber que tinha ido para fóra do reino. Quando o caixeiro do mercador passava por alli, costumava o pobre erguer as mãos, e resar pela feliz tornada de seu amo, a qual, com effeito, teve lugar cinco ou seis mezes depois. Ficou o mendigo saltando de contente quando o viu, mas indo o mercador a dar-lhe esmola, em paga dos seus cumprimentos, não a quiz receber, dizendo-lhe que seria melhor pagar-lhe de uma vez a divida atrazada. Respondeu-lhe o mercador que não sabia o que queria dizer divida atrazada; ao que o mendigo replicou, que elle tinha estado ausente por espaço de quasi seis luas, e que por consequencia lhe devia cento e oitenta reales. Não sabia o grego se a impudencia do pobre era mais digna de riso, se de castigo; mas o mouro foi-se queixar ao Dey, que mandou chamar o mercador para que apresentasse a sua defeza. Allegava o mouro que o mercador lhe dera diariamente um real por espaço de um mez, mas que esta generosidade lhe tinha attraído grande freguesia, e havia sido, portanto, para elle um manancial de riquezas; que, pelo que tocava a elle mendigo, havia deixado de trabalhar, contando com esta renda diaria, até porque assim lhe era necessario em consequencia de estar quasi cego; que o mercador se tinha ido embora sem o avisar de que a pensão cessava; que elle não tinha saído do seu posto, orando sempre a Deus pela feliz chegada do bemfeitor; que, além disso, confiado na costumada esmola, tinha contraído algumas dividas para se poder sustentar; e que, emfim, pedindo a divida atrazada, o mercador se tinha rido d'elle, e o havia ameaçado e affrontado.

Não negava o grego a verdade das premissas; mas dizia que sendo a esmola uma acção voluntaria, a continução della dependia da vontade de quem a fazia. Discutido o negocio em conselho, foi o mercador condemnado a pagar ao mendigo tantos reales, quantos eram os dias que tinha estado ausente, desde o da partida até o da sentença, e além disso uma piastra pelas affrontas que lhe dissera. Dava-se-lhe ao mesmo tempo a liberdade de declarar se tinha tenção de não tornar a dar esmola áquelle pobre, d'alli em diante. Protestou-o logo o mercador, uma e muitas vezes, asseverando que tarde lhe esqueceria a sentença.

OS ANTIQUARIOS.

QUANDO Miguel Angelo Buonarotti apresentou em

Roma as suas primeiras obras de esculptura não achou senão desprezo ou reprehensões dos *entendedores*, que só sabiam admirar os fragmentos das obras gregas e romanas. Não era Buonarotti homem que soffresse affrontas sem se vingar: para isso, em vez de replicar aos seus detractores, foi fazendo ás escondidas uma estatua do melhor marmore branco, e depois de acabar o mais perfeitamente que pôde, mas sem se affastar do proprio gosto e estylo, a sujou muito para que mostrasse grande antiguidade, e enterrou-a, tendo a cautella de lhe quebrar primeiramente um dos braços e de o guardar.

Brevemente a estatua foi descuberta e desenterrada. Não se fallava de outra coisa em Roma. Nunca se vira obra mais perfeita e acabada. Já havia entendedor erudito que marcava a epocha em que fora feita; eis senão quando Miguel Angelo apresenta o braço, que faltava á estatua, mui polido, e novo e conta o logro que pregára aos antiquarios, que ficaram esbravejando e corridos.

LOCUSTAS.

QUASI todo o sul da Asia é ás vezes horrivelmente infestado por nuvens de uma especie de gafanhotos, chamados locustas, que destroem as folhas das arvores e plantas, e qualquer verdura, não deixando nunca de produzir a fome com todos os seus terriveis effeitos. Suppoem-se que os invernos macios as fazem prosperar; e donde ellas vem constantemente é do deserto da Arabia. A *locusta migratoria* ou peregrina se deve considerar como o insecto mais daninho, ou mais capaz de fazer horrivel e extensa destruição. De tempos a tempos apparecem em varias partes do mundo legiões destes animaes, e é incrível o estrago que vão fazendo: provincias inteiras ficam assoladas por ellas dentro de poucos dias, e é tal o seu numero, que o ar se escurece; até, quando já mortas, ainda são terriveis; porque apodrecendo n'um lugar milhões destes insectos, isto é uma das causas provaveis da peste que costuma affligir os paizes do oriente.

Na configuração, a locusta parece-se muito com o gafanhoto, posto que é muito maior: a sua côr é parda, variegada de vermelho desmaiado ou côr de carne, e as pernas são azuladas. No anno de 1748 appareceram por varias partes da Europa seguindo carreiras irregulares; como na Allemanha, na França, e na Inglaterra; e até em Londres e nas suas visinhanças, se viu grande copia dellas; morreram, comtudo, em pouco tempo, talvez em consequencia da frialdade do clima.

No anno 593 da era christã, depois de uma grande sêcca, estes animaes appareceram em exercitos tão innumeraveis, que causaram inteira esterilidade em muitos paizes. Em 677 a Inglaterra e a Mesopotamia foram devastadas por elles; e no anno de 852, immensos enxames de locustas começaram a voar das regiões do oriente para as de oeste, fazendo tal ruido que pareciam bandos de passaros: destruiam todos os vegetaes, não perdoando sequer á cortiça das arvores, ou ao colmo das choupanas, e devorando os cereaes tão rapidamente, que destruiam 140 geiras de searas n'um dia: as suas marchas ou vôos diarios se avaliavam em 20 milhas, e eram reguladas por chefes ou reis, que voavam adiante, e pousavam no sitio, onde no dia immediato, á mesma hora, devia fazer alto toda a legião. Estas marchas começavam sempre ao nascer do sol. As locustas foram, emfim, empurradas pela força do vento para o mar da Belgica, onde caíram, e sendo arrojadas á praia pela maré, com o seu fedor causaram uma horrivel pestilencia. Em 1271

todas as searas de Milão foram destruídas por esta praga, e no anno de 1339 o foram egualmente todas as da Lombardia. Em 1541 enxames dellas affligiram a Polonia, a Valachia, e todos os paizes limitrophes, escurecendo o sol com o seu numero, e tragando todos os fructos da terra. Posto que parece incrível, não é menos verdade que tem sido ás vezes preciso ás auctoridades de varios districtos mandar marchar tropas contra os exercitos de locustas, fazendo-se-lhes fogo de artilharia para as affugentar.

ONOMATOPEA.

QUANDO uma palavra, o grito ou voz de um animal, pelo som dá uma idéa da cousa que se exprime chama-se uma onomatopéa. Estudando com attenção as raizes dos idiomas e o valor das diversas lettras do alphabeto, poder-se-iam generalisar as onomatopéas, e mostrar que a imitação do som produzido por um objecto foi o primitivo fundamento da linguagem fallada, como a fórma das cousas o foi da lingua escripta. Hoje, posto que pela grande diffusão das linguas, e pelas modificações que o tracto dos homens nellas tem feito, seja difficil de conhecer e fixar a data de tal ou tal expressão, ainda em todas as linguas restam muitas palavras em que a onomatopéa se manifesta claramente. A nossa é uma das que maior numero tem destas palavras, a que podemos chamar picturescas: a lingua plebea, ou chula quasi que dellas só é composta; na linguagem elevada é tambem immensa a quantidade que ha dellas. Dêmos alguns exemplos.

Retumbar. — Esta palavra que significa repetir-se um som varias vezes nos ecchos de uma casa, caverna, ou valle, imita perfeitamente a acção significada.

Gaguejar. — Os dois gg imitam tambem o modo por que falla o gago.

Assobio. — Para pronunciar esta palavra quasi que são necessarias as mesmas inflexões de lingua e labios que se fazem para assobiar.

ENXERTIA DO TOMATEIRO NA BATATEIRA.

MR. Fourquet apresentou á sociedade de horticulura de Paris alguns pés de batateiras, em que tinha enxertado hasteas de tomateiro [*solanum lycopersicum* Lin.], com mui vigorosa vegetação: as raizes estavam guarnecidas com muitos tuberculos [batatas] de tamanho ordinario, ao passo que as plantas estavam carregadas de tomates bem maduros: provando-se as batatas achou-se-lhes bom sabor. Eis-aqui o que fez Mr. Fourquet.

Tendo plantado n'um rego doze pés de batateiras, a 22 de Maio lhes enxertou ramos de tomateiro, cortando a ramagem daquellas no ponto de secção, onde os troncos costumam adquirir uma tal ou qual consistencia de páu, e practicando a operação d'enxertar de garfo com a cautela necessaria pela delicadesa da planta, e tomando a precaução de enxerir os olhos do garfo bem correspondentes aos que estavam nas axillas, ou sovacos das folhas do tronco enxertado. Depois disto ligou cuidadosamente, e cobriu com papel os enxertos para os preservar do demasiado ardor do sol pelo espaço de cinco a seis dias: nesta epocha examinou as ligaduras para as desapertar; e aquelles, que viu carecerem ainda de ser sustidos por ellas, tornou a atar levemente, não em o mesmo logar, mas sobre as intumescencias ou grossuras, que a abundancia da seve occasiona: o que se não practica com as outras plantas, arbustos, ou arvores, porque não for-

mam tão rapidamente, como as plantas herbaceas e molles, aquellas intumescencias, de fórma que se lhes não examinam as ligaduras senão passados doze, quinze, e vinte dias depois da operação.

Não tardou a desamarrar inteiramente as ligaduras, que eram de fio de laã, deixando abandonados os enxertos pelo tempo necessario até que adquiriram a altura de quinze pollegadas. Então enterrou a distancias convenientes estacas ao longo da linha das batateiras; e ordenou as plantas em latada, não só para suster as hastes, como para as arejar, e fortificar, porque assim, como é sabido, lançam com maior vigor, e produzem maior quantidade de fructos. Estes são tanto mais bem creados quanto mais cuidadosamente se capam os tomateiros; e por isso Mr. Fourquet não esqueceu esta regra. Deste processo resultou uma colheita dobrada no mesmo terreno com os productos simultaneos. E' de notar que não falla, se deixarem ás plantas as hastes inuteis, como não deixam de dar os tomateiros maltractados. Recommendamos aos curiosos de horticulura esta experiencia.

SADI, O FABULISTA PERSA.

SADI, poeta e philosopho, nascido em Schiraz nos fins do seculo duodecimo, foi um sabio, que, por suas acções e escriptos, ensinou os seus compatriotas a procurarem a verdadeira felicidade na practica das virtudes. Com mui louvavel candura elle revela nos seus livros os erros da sua mocidade. Succedeu-me [diz elle] por um impulso de colera de mancebo, responder a minha mãe com bastante atrevimento; ella se affligiu extremamente, e foi sentar-se a um canto, banhadas em pranto as faces; cheguei-me então della, e minha extremosa mãe me disse: *Tu que hoje te engrandeces altivamente para comigo, não te lembras do quanto te conheci pequenino e humilde?*

Sendo muito rapaz [continua elle] lia a um serão algumas paginas do Alcorão á minha familia. Meus irmãos adormecêram, e eu disse para meu pae: *olhai, elles dormem, e eu reso.* Meu pae, abraçando-me ternamente, me respondeu: *E não seria melhor, meu caro Sadi, que tu tambem dormisses, do que enchereste assim dessa vaidade?*

OS CONEGOS DE NOVA ESPECIE.

O SCISMA de Alexandre 3.^o, e de Victor 3.^o suscitou muitas guerras. O imperador Frederico Barbarôxa favorecia a Victor, e os venesianos seguiram o partido de Alexandre, a legitimidade de cuja eleição era evidente. Frederico sublevou contra elles todas as cidades da Lombardia, porém Michiefli, filho do doge do mesmo appellido as reduziu á obediencia. Entre tanto Ulrico, patriarcha d'Aquilea, quiz sustentar as pretensões da sua sé a respeito da egreja de Grado e mostrar ao mesmo tempo a sua adhesão a Frederico. Apanhando os venezianos entretidos, formou um pequeno exercito, cafu sobre Grado, apoderou-se d'ella, saqueou os thesouros, e apparelhava-se a transporta-los para Aquilea; porém acudindo o doge com uma frota, investiu Grado, surpreendeu Ulrico, e levou-o prisioneiro com doze conegos. Ulrico pediu, e alcançou a liberdade, mas exigiram d'elle, para perpetua memoria da sua humilhação, que mandasse todos os annos a Veneza um touro e doze porcos, que representavam o patriarcha e os doze conegos. Estes animaes eram levados em cerimonia, e na quinta-feira-gorda lhes cortavam a cabeça na praça de S. Marcos, na presença do doge e do povo. Tam-

bem se armavam no palacio dois castellos, que figuravam duas fortalezas dos senhores de Friul que haviam soccorrido Ulrico; e o doge com o seu conselho, armados de bastões com ponteiros de ferro, os atacavam e faziam em pedaços. Depois disto eram atassalhados os porcos e o touro, e a carne d'elles repartida pelos circumstantes.

EXPOSIÇÃO DOS PRODUCTOS D'INDUSTRIA NACIONAL.

Uns poucos de annos conta já de existencia em Portugal a Sociedade Promotora da Industria Nacional. Valiosos serviços tem feito á patria esta Sociedade benemerita, não sendo um dos menores a publicação dos seus annaes, mina riquissima de que os nossos artistas poderiam tirar grande proveito, se fossem mais curiosos de estudar do que realmente são. A ella devemos agora o projecto para uma exposição dos productos de industria nacional.

Estas exposições, ha muitos annos estabelecidas em França, teem produzido beneficos resultados. São ellas como o thermometro, que marca os progressos que vão fazendo os diversos ramos industriaes: os louvores do publico, juiz seguro, porque não póde ser peitado, animam e incitam á applicação o artifice; incitam-no egualmente as criticas e reprehensões. Acresce que o povo sabe muitas vezes por estas exposições, que no seu paiz se fabricam objectos, que elle suppunha serem de manufactura estrangeira. Com ella se facilitam as vendas de objectos, que aliás o fabricante muitas vezes conservaria annos e annos sem poder vender: e sendo repetidas, as esperanças que fica ao artifice de que achará uma saída facil ás obras da sua industria, o aguילוaram a melhora-las. Emfim, os dois grandes elementos do progresso das artes e manufacturas — concorrência e publicidade — são o objecto de semelhantes exposições.

Entre nós ellas já são antigas. O genio immenso do Marquez de Pombal calculou os effeitos que deviam produzir. Quando se inaugurou a estatua equestre da praça do commercio, festividade nacional celebrada com espantosa pompa, e a que concorreram mais de 150:000 pessoas, nada nella se gastou, que não fosse producto de industria nacional. Era esta na mente do ministro uma exposição; e em verdade o era, segundo as fórmas possiveis naquelle tempo. Depois o Marquez instituindo em Oeiras uma feira annual, pertendia perpetuar nella o que começára na inauguração da estatua equestre; porque a esta feira deviam concorrer os diversos objectos de industria portugueza, onde achavam facil venda. Com a morte de D. José 1.^o e o desterro do seu ministro foi caindo esta bella instituição, como quasi todas as que dera á sua patria aquelle homem digno de melhor seculo.

Em França as exposições da industria começaram no tempo do Directorio em 1797. O ministro Francisco de Neufchateau se lembrou de fazer a primeira para celebrar o anniversario da republica. Mais tres exposições se seguiram até 1806. Durante as guerras de Bonaparte e nos primeiros annos depois da restauração dos Bourbons, cessaram, renovando-se tão sómente em 1819, e desde então se teem quasi regularmente repetido de 4 em 4 annos; dellas tem tirado a industria franceza vantajosos resultados.

Renovadas tambem entre nós, por beneficio da Sociedade Promotora, estas exposições, nós convidamos a todos os artistas que concorram á que deve ter logar na casa da Sociedade [convento dos Paulistas] desde o dia 22 de Junho corrente até o 1.^o de Julho; e esperamos que não só gloria para a Nação, e

honra para a Sociedade, mas até proveito para os artistas resultarão deste acto, que será uma verdadeira solemnidade publica.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Junho 3

1649 — Manuel de Faria e Sousa fallece em Madrid neste dia. Era natural de Vizella no Minho: foi um dos escriptores portuguezes mais fecundos. Temos delle, além de outras obras, a Europa, a Asia, e a Africa portuguezas em 7 volumes de folio, os commentarios a Camões em 5 tomos, e o Epitome das historias portuguezas.

1658 — Morte de Harvey. — Foi elle quem descobriu a circulação do sangue, ou pelo menos aperfeiçoou e publicou a descoberta.

4

1039 — Morte de Conrado, chamado o *Salico*, imperador da Germania. Tinha sido aclamado rei dos romanos, depois da morte de Henrique o *côxo*. Logo que foi coroado promulgou contra os cabeças de varias sedições intestinas a celebre lei do *bando* ou do desterro, cuja formula era concebida nestes termos: "Declaramos tua mulher viuva, teus filhos orphãos, e mandamos-te, em nome do diabo, para os quatro angulos do mundo."

5

1443 — Morte do infante sancto D. Fernando, filho de D. João 1.^o, estando captivo em Fez.

1816 — Fallece Pariello celebre compositor de musica italiano, auctor do *Barbiere de Seviglia*. No mesmo dia [1826] morreu em Londres o não menos affamado compositor Weber auctor do *Freischutz*. do *Obéron*. &c.

6

1502 — Nasce o principe D. João filho d'elrei D. Manuel, e depois rei, 3.^o do nome.

1533 — Fallece Ariosto, poeta italiano, auctor do *Orlando furioso*.

7

1569 — Neste dia começou em Lisboa uma horrivel peste, que se dilatou por todo o Portugal. Morriam por dia na cidade 500 a 600 pessoas, e dizem que levou o contagio 50:000: chegaram as hervas a crescer pelas ruas a grande altura.

8

652 — Morte de Mafoma.

1663 — Batalha do Ameixial. — Tomada Evora pelos castelhanos, saíu a campanha o nosso exercito, chegando ao rio Odegebe a uma legua de Evora. Abi o foi accommetter o castelhano. Commandava as nossas armas o conde de Villa-flor, e as inimigas D. João d'Austria. Travada a batalha foi este derrotado deixando no campo 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros, toda a artilharia e 1:400 cavallos. A nossa infantaria era um pouco mais numerosa; mas o inimigo tinha dobrada cavallaria.

9

1665 — Morte do nosso poeta Manuel de Galhegos, auctor do *Templo da Memoria*.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.